

DAVID GROSSMAN

# Fora do tempo

*Tradução*  
Paulo Geiger



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by David Grossman

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Nofel mi-jutz la-zman

*Capa*

warrakloureiro

*Preparação*

Ana Cecília Agua de Melo

*Revisão*

Ana Maria Barbosa

Mariana Zanini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Grossman, David

Fora do tempo / David Grossman ; tradução Paulo Geiger.

— 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: Nofel mi-jutz la-zman.

ISBN 978-85-359-2156-4

1. Ficção israelense I. Título.

---

12-08784

CDD-892.43

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura israelense 892.43

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Na hora em que estão sentados à mesa do jantar, o rosto do homem de repente se transforma: num movimento brusco ele empurra o prato a sua frente. Facas e garfos tilintam. Ele se levanta e fica de pé, e parece não saber onde está. A mulher se sobressalta em sua cadeira. O olhar dele paira em volta dela e não se fixa, e ela — já a atingira uma vez a desgraça — sente de imediato, eis aí outra vez, já toca em mim, seus dedos frios em meus lábios. Mas o que aconteceu? Ela sussurra com os olhos, e o homem olha para ela com espanto —

— Eu preciso ir.

— Para onde?

— Para ele.

— Para onde?

— Para ele, para lá.

— Para o lugar onde aconteceu?

— Não, não. Para lá.

— O que é lá?

— Não sei.

- Você está me assustando.
- Para vê-lo só mais um instante.
- Mas o que vai ver agora? O que restou para ver?
- Talvez lá se possa ver? Talvez até falar com ele?
- Falar?!

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: E agora os dois se dão conta.

Despertam.

- A sua voz, mulher.
- Ela voltou. A sua também.
- Tive tanta saudade da sua voz.
- Pensei que nós... que jamais, nunca mais —
- Mais do que da *minha* voz, tive saudade da sua.
- Mas o que é *lá*, pode me dizer? Não há um lugar assim, não existe lá!
- Se vão para lá, *lá* existe.
- E não voltam de lá, ninguém voltou ainda.
- Porque só mortos foram para lá.
- E você, como irá?
- Eu irei para lá vivo.
- E não vai voltar.
- Talvez ele espere que vamos até ele.
- Ele não. Já faz cinco anos que ele é só não e não.
- Talvez ele não compreenda como desistimos dele assim, tão depressa, no momento em que nos comunicaram...
- Olhe para mim. Nos meus olhos. O que está fazendo conosco? Sou eu, você vê? Somos nós, nós dois. Esta é nossa casa. A cozinha. Vem, sente aqui. Vou servir a sopa.

HOMEM:

É bela —  
tão bela —

é bela  
a cozinha  
nesta hora dela  
quando você serve a sopa  
e aqui é quente e ameno, e o vapor  
cobre a vidraça fria  
da janela —

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Talvez por causa dos anos de longo silêncio, sua voz é rouca, extingue-se num murmúrio. Ele não tira dela os olhos. Ele a olha tanto que a mão dela começa a tremer.

HOMEM:

E mais belos que tudo seus braços,  
redondos, macios,  
a vida está aqui,  
querida,  
por um momento esqueci:  
a vida está no lugar  
em que você  
serve a sopa  
sob o círculo de luz.  
Bom ter lembrado:  
estamos aqui  
e ele lá,  
e há uma fronteira eterna  
entre aqui  
e lá.  
Por um momento esqueci —  
estamos aqui  
e ele —

*mas não é possível  
mais é impossível!*

MULHER:

Olhe para mim. Não,  
não com esse olhar  
vazio,  
contido.  
Volte para mim, para nós,  
volte. Fácil,  
tão fácil renegar  
a nós, o círculo  
de luz, esses  
braços macios,  
a ideia de que voltamos  
à vida,  
e de que o tempo  
apesar de tudo  
põe curativos  
finos —

HOMEM:

Não, não é possível mais  
assim,  
não é possível mais  
que nós,  
que o sol,  
que os relógios, as lojas, os bares,  
que a lua,  
os casais, os pares,  
que árvores nas aleias  
verdejantes, que sangue

nas veias,  
que primavera e outono,  
que gente  
inocente  
existente  
no mundo.  
Que filhos  
dos outros,  
que sua luz  
e calor —

MULHER:  
Cuidado,  
você tem ideias  
tão frágeis  
como teias —

HOMEM:  
À noite eles chegaram  
trazendo na boca  
a nova.  
Longo caminho fizeram,  
graves, calados,  
e talvez durante  
provavam, lambiam  
a nova, furtivamente.  
Num espanto de crianças  
constataram que se pode reter  
a morte na boca como  
uma bala  
de veneno, à qual eles por milagre  
são imunes.

Abrimos para eles a porta,  
esta aí, aqui estávamos,  
você e eu,  
ombro a ombro,  
e eles  
no umbral  
e nós  
diante deles  
e eles  
piedosamente  
contidos  
e silenciosos  
ali de pé  
sopraram em nós  
o vento  
dos mortos.

MULHER:

Era um silêncio terrível.  
Em volta triturava um fogo  
frio. Eu disse:  
esta noite viriam,  
senti-o. Pensei:  
venha, o caos, o vazio.

HOMEM:

De algures, de longe,  
ouvi você dizer:  
não temam,  
quando ele nasceu  
não gritei, tampouco agora  
gritarei.



MULHER:

Nossa vida de antes  
continuou  
a brotar em nós  
uns minutos mais.  
A fala,  
os gestos,  
expressões faciais —

HOMEM E MULHER:

Agora  
num instante, não mais,  
afundamos  
os dois. Calamos  
com palavras iguais.  
Não por ele  
choramos,  
o canto da vida  
antes vivida  
choramos, o admiravelmente  
simples, a  
leveza, o  
rosto  
liso e  
sem rugas.

MULHER:

Mas nos prometemos,  
juramos,  
ser, sofrer  
por ele, ter saudades  
e viver.

E agora, espere,  
o que houve, de repente,  
para que você assim  
se dilacere?

HOMEM:

Depois daquela noite  
veio um estranho e segurou  
meu ombro e falou: salve  
o que restou.  
Lute,  
tente curar.  
Olhe nos olhos  
dela, grude  
nos olhos dela,  
todo o tempo  
nos olhos dela —  
sem descurar.

MULHER:

Não volte para lá,  
àqueles dias não deve  
voltar mais,  
não volte seu olhar  
para trás —

HOMEM:

Naquele escuro eu vi  
a minha frente um olho  
choroso  
e um olho  
enlouquecido.

O olho de um homem  
terminal  
e o olho  
de um animal.  
Animal já metade  
na boca da fera,  
uma presa dessangrando,  
desvairando,  
de teus olhos me encarava —

MULHER:

A terra  
abriu sua boca,  
a nós engoliu  
e vomitou.  
Não volte  
para lá, para  
o que o seduz,  
não saia  
um passo sequer  
do círculo de luz —

HOMEM:

Não pude, não  
ousei olhar  
então seu olhar,  
aquele olho  
enlouquecido,  
de você não estar —

MULHER:

Não vi você,

não vi  
nada  
nem no olho do homem  
nem no olho  
do animal. A raiz  
de minh'alma arrancada  
num calafrio.  
Frio, fazia muito frio  
também agora  
faz frio.  
Venha dormir,  
o agora é tardio.

HOMEM:  
Cinco anos  
calamos  
aquela noite.  
Sumiu você primeiro,  
depois sumi eu.  
Em você foi bom  
o silêncio, e em mim  
me apertou  
a garganta. E uma  
após outra morreram  
as palavras, e ficamos  
como uma casa  
em que lentamente se apagam  
todas as luzes,  
até que se fez  
a escuridão da mudez —

MULHER:  
E nela

de novo o achei,  
e a ele. Envolveu  
nosso trio  
um manto sombrio,  
enrolados nele estávamos  
com ele, e mudos estávamos  
como ele. Três  
fetos que a tragédia  
concebeu —

HOMEM:  
E juntos  
nascemos  
no outro lado,  
sem  
palavras, sem  
cores, e aprendemos  
a viver  
o negativo  
da vida

(silêncio)

MULHER:  
Olhe,  
de palavra em palavra  
o algo secreto entre nós  
se esgarça, se dissolve  
como um sonho  
que a luz de um luzeiro  
ilumina. Pois havia no calar  
um milagre,

e um segredo no silêncio  
que nos trouxe, junto com ele,  
em que ficamos sem voz  
como ele, em que falamos  
na língua dele.  
E o que têm as palavras —  
o que tem a sorte  
das palavras  
a ver com sua morte?

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: No silêncio que cai depois  
do grito dela o homem recua até suas costas tocarem a parede.  
Em movimentos lentos, como a dormir, ele estende os dois  
braços para os lados e caminha ao longo da parede. Contorna a  
pequena cozinha, em toda a sua volta —

HOMEM:  
Conte,  
me conte  
de nós  
naquela noite —

MULHER:  
Sinto aqui algum  
segredo: você rasga  
as ataduras para  
poder beber  
o seu sangue, ração  
no caminho  
*para lá.*

HOMEM:  
Aquela noite,

me conte  
de nós  
na noite  
aquela —

MULHER:

Você  
me  
rodeia como  
um predador. Me cerca  
como um pesadelo.  
Aquela  
noite, a noite  
aquela.  
Você quer ouvir sobre  
aquela noite.  
Nestas cadeiras sentamos,  
você sentou  
aí, eu aqui. E você  
fumou, eu me lembro  
do seu rosto vindo  
e indo na fumaça, e lentamente  
ficando um pouco  
menos, menos  
você, menos  
gente.

HOMEM:

Calados  
aguardamos a manhã.  
Manhã  
não  
veio.